

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS PEDREIRAS
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

KAIO ELOI MACIEL

**A REPRESENTAÇÃO DA DOR E DA SOLIDÃO DA MULHER NEGRA EM OLHOS
D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: uma análise da subjetividade feminina.**

Pedreiras

2025

KAIO ELOI MACIEL

**A REPRESENTAÇÃO DA DOR E DA SOLIDÃO DA MULHER NEGRA EM OLHOS
D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: uma análise da subjetividade feminina.**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Pedreiras, como requisito para conclusão do curso.

Orientadora: Prof. Esp. Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite.

Pedreiras

2025

Maciel, Kaio Eloi.

A representação da dor e da solidão da mulher negra em Olhos D'Água de Conceição Evaristo: uma análise da subjetividade feminina./ Kaio Eloi Maciel. - Pedreiras - MA, 2025.

35 f.

Monografia (Graduação em Letras) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2025.

Orientadora: Profa. Esp. Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite.

1. Mulheres Negras. 2. Subjetividade. 3. Representatividade. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-055.2


KAIO ELOI MACIEL

**A REPRESENTAÇÃO DA DOR E DA SOLIDÃO DA MULHER NEGRA EM OLHOS
D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: uma análise da subjetividade feminina.**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA como requisito para obtenção de nota do curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovado em 19/12/2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RUTH JONIELLE CARVALHO NOVAIS DE SOUSA**
Data: 14/01/2026 21:40:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite (Orientadora)
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

Documento assinado digitalmente
 **JESSICA BORGES BRUSSIO**
Data: 14/01/2026 18:21:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Jéssica Borges Brussio
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

Documento assinado digitalmente
 **EDMA RIBEIRO LUZ**
Data: 14/01/2026 11:44:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Edma Ribeiro Luz
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

Dedico este trabalho à escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito, cuja obra e representatividade me inspiraram profundamente. Sua construção literária sobre a mulher negra, suas dores, silenciamentos e resistências refletiu também a vivência que tive ao lado de minha mãe, Genilse Andrade Maciel Oliveira, exemplo de mulher que, apesar das adversidades, tornou-se forte e corajosa. A ambas, minha eterna admiração.

AGRADECIMENTOS

Com profunda satisfação e orgulho, dedico este espaço para expressar meus agradecimentos a todos que foram essenciais em minha caminhada acadêmica.

Aos meus amigos Alessandra Araújo da Silva, Maria Eduarda Félix da Silva e Rodrigo Oliveira da Conceição, companheiros incansáveis ao longo desses quatro anos de curso. Em meio às angústias, dificuldades e à correria do dia a dia — especialmente durante minha mudança de cidade — vocês permaneceram firmes ao meu lado, oferecendo apoio, presença e amizade verdadeira.

Ao meu amigo Rodrigo, que foi um verdadeiro anjo na etapa final desta trajetória, não me permitindo desistir quando o caminho parecia mais pesado.

À Maria Eduarda, minha amiga desde o primeiro dia de aula até o último, compartilhando forças, conquistas e batalhas, sempre acreditando em mim.

À Alessandra, um braço forte que sempre esteve presente, com palavras de incentivo e confiança, lembrando-me constantemente que eu era capaz e que venceria mais essa etapa.

À Universidade Estadual do Maranhão – UEMA campus Pedreiras, meu sincero agradecimento por proporcionar um ambiente acadêmico acolhedor, com professores de excelência que me ajudaram e marcaram a minha trajetória durante os quatro anos de curso.

À minha orientadora Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite, minha gratidão pelo cuidado, pela paciência e pela generosidade em compartilhar sua sabedoria. Sua orientação cuidadosa, suas contribuições fundamentais e seu apoio constante foram essenciais para que este trabalho ganhasse forma e qualidade. A confiança que depositou em mim e a dedicação em me conduzir ao melhor resultado possível fizeram toda a diferença na conclusão deste projeto. Se hoje finalizo este TCC com segurança e tranquilidade, é também graças à sua orientação.

À minha mãe, minha maior inspiração, meu exemplo de coragem, força e amor. A mulher que moldou a si mesma em meio às próprias vivências e que, com sua determinação, moldou também o homem que sou hoje. Por ser o primogênito, cresci ao lado dela, testemunhando suas batalhas e aprendendo, desde cedo, o valor da responsabilidade, do respeito e da perseverança. Ser quem sou, um homem firme, dedicado, sonhador e resiliente, é reflexo direto da força dela.

Estendo também minha gratidão aos meus irmãos e meu pai, que foram meu suporte emocional, sempre reforçando que eu conseguiria, que faltava pouco, e que todo esforço valeria a pena.

Agradeço a mim mesmo, especialmente ao Kaio criança, aquele que, aos dez anos, precisou se tornar homem antes do tempo. O menino que acordava cedo, trabalhava de sol a sol ao lado dos pais e carregava responsabilidades pesadas, mas nunca deixou de sonhar. A ele, que enfrentou medos, tristezas, cansaços e angústias, mas também encontrou força, coragem e esperança. Este momento, esta conquista, este diploma e este TCC pertencem também a ele. Foi a vivência daquele menino, suas lutas e sua resistência, que formaram o homem que sou hoje e me trouxeram até aqui.

Por fim, e justamente por isso, agradeço a Deus. Ele está aqui no final não porque é menos importante, não porque eu O deixei por último, e muito menos por falta de gratidão. Esta escolha significa reconhecer que Ele é a base que sustenta tudo o que foi construído acima. O comum é começar agradecendo a Deus, mas, para mim, colocá-lo aqui é afirmar que Ele é o alicerce: aquilo que vem por baixo, sustentando toda a estrutura da minha vida. Se tive amigos fiéis, foi Ele quem os colocou no meu caminho. Se tive o amor e a força da minha mãe e da minha família, foi Ele quem estruturou esse apoio.

Se o Kaio criança não desistiu, foi porque Deus preparou o terreno onde meus pés pisaram. Sem Ele, nada existiria: nem coragem, nem força, nem resistência. O versículo que guiou minha caminhada acadêmica: Josué 1:9: “Seja forte e corajoso”, foi o lembrete diário da capacidade que Deus me deu, da força que Ele colocou em mim e do propósito que Ele construiu na minha vida.

Por isso, encerro meus agradecimentos com Ele: porque tudo o que fui, o que sou e o que conquisto nasce da base que Ele firmou em mim.

RESUMO

A história de negros e negras no Brasil é marcada pela existência de disparidades sociais, econômicas, educacionais, políticas e culturais. Durante um longo período, pessoas negras foram vítimas de marginalização, opressão, violência e racismo tiveram suas vozes silenciadas – sobretudo as vozes femininas. Por meio de expressões artísticas, como a literatura negra, as mulheres negras encontraram espaço para serem ouvidas e retratar suas vivências, dores e resistências. A subjetividade feminina negra presente nas obras literárias representa outras vozes, falas que foram silenciadas, falas que não tiveram a oportunidade de serem representadas. Diante dessa problemática, verificou-se a necessidade de analisar a dor e a solidão da mulher negra a partir da análise dos contos “Maria”, “Quantos filhos Natalina teve?” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” do livro Olhos d’água, de Conceição Evaristo. O estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica baseada em livros, artigos e revistas escritas na língua portuguesa, utilizando para análise e interpretação da obra trabalhos de autores renomados como Jean-Paul Sartre (2015), Del Priori (2020), Novelino (1998), Santana (2020), entre outros. Os resultados obtidos revelaram a importância e o impacto da escrita contemporânea negra, que denuncia injustiças do passado e do presente, promove representatividade e evidencia a necessidade de visibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras; Subjetividade; Representatividade.

ABSTRACT

The history of Black men and women in Brazil is marked by the existence of social, economic, educational, political, and cultural disparities. For a long period, Black people were victims of marginalization, oppression, violence, and racism, and their voices were silenced – especially the voices of women. Through artistic expressions, such as Black literature, Black women found a space to be heard and to portray their experiences, pain, and resistance. The Black female subjectivity present in literary works represents other voices, voices that were silenced, voices that did not have the opportunity to be represented. Given this problem, it was deemed necessary to analyze the pain and loneliness of Black women through the analysis of the short stories “Maria,” “How many children did Natalina have?” and “Zaíta forgot to put away the toys” from the book *Olhos d’água*, by Conceição Evaristo. The study was developed through bibliographic research based on books, articles, and magazines written in Portuguese, using for analysis and interpretation of the work the writings of renowned authors such as Jean-Paul Sartre (2015), Del Priori (2020), Novelino (1998), Santana (2020), among others. The results obtained revealed the importance and impact of contemporary Black writing, which denounces injustices of the past and present, promotes representativeness, and highlights the need for visibility.

KEYWORDS: Black women; subjectivity; representativeness.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 LITERATURA NEGRA, REPRESENTAÇÃO E SUBJETIVIDADE.....	13
2.1 A escrita de mulheres negras no Brasil: resistência e identidade	13
2.2 Conceição Evaristo e a escrevivência	15
2.3 Dor, solidão e subjetividade feminina na crítica literária contemporânea... 	18
3 ANÁLISE DA OBRA OLHOS D'ÁGUA	21
3.1 Contextualização da obra e principais temáticas	21
3.2 Representações da dor e da solidão da mulher negra	22
3.3 Subjetividade e resistência feminina nos contos selecionados.....	23
3.3.1 O conto “Maria”	23
3.3.2 O conto “Quantos filhos Natalina teve?”	25
3.3.3 O conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

No período colonial brasileiro, o negro foi representado como alguém destituído de autonomia e de capacidade intelectual, frequentemente associado à malandragem, enquanto a mulher negra era reduzida a um corpo hipersexualizado (Santana, 2020). No campo do saber, sua vida era marcada pelo analfabetismo, pela proibição da leitura e da escrita, o que resultou em um verdadeiro apagamento histórico. Esse silenciamento atingiu não apenas a memória coletiva, mas também a cultura e as raízes de um povo. No caso da mulher negra, essa invisibilidade mostrou-se ainda mais acentuada.

A vivência da mulher negra na sociedade brasileira é atravessada por marcas históricas de exclusão, violência, dor e silenciamento que moldam profundamente sua subjetividade. No campo literário, o cenário atual implora por uma série de discursos cujo foco sejam vozes de personagens negras, mulheres que por muito tempo não tiveram oportunidade de contar sua vivência através da escrita e em nome desse silenciamento, surgiram escritoras como Conceição Evaristo.

A forma como a mulher negra era vista no período da escravidão e pós-escravidão foi cercada por lutas diárias contra desigualdades, violências e crimes em uma sociedade enraizada pela intolerância, preconceito e discriminação racial, social e de gênero. Todas essas lutas foram reunidas na obra de Conceição Evaristo para mostrar a todos os leitores o que figuras femininas negras enfrentaram ao longo da história e o que infelizmente ainda enfrenta.

A obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, publicada em 2014, conta com um total de 15 contos da literatura afro-brasileira, é uma obra que se torna fundamental para a compreensão dessas vivências, ao trazer à tona narrativas que revelam a complexidade das dores, dos afetos e das formas de resistência de mulheres que embora marginalizadas socialmente carregam dentro de si um universo rico de sentimentos, memórias e experiências. Nesse livro, composto por contos breves, a autora apresenta personagens femininas negras cujas trajetórias são marcadas pela solidão, pela perda, pela violência cotidiana e por uma constante luta em prol de sua sobrevivência.

A partir das considerações feitas anteriormente, este trabalho tem como objetivo investigar como a dor e a solidão da mulher negra são representadas nos

contos de Olhos d'água, com ênfase na construção da subjetividade feminina. A análise parte da observação de que essas mulheres, em sua maioria oriundas das camadas populares, vivem situações de abandono afetivo, de exclusão econômica e de negação de sua humanidade, sendo a dor não apenas um estado emocional, mas uma condição social imposta por uma estrutura desigual e opressora. A solidão, por sua vez, assume múltiplas formas: a solidão do afeto, da maternidade solitária, da velhice invisibilizada, da infância negligenciada, entre outras expressões do isolamento vivido por essas personagens.

A obra de Conceição Evaristo, ao apresentar personagens femininas em sua pluralidade e complexidade, possibilita uma análise profunda da constituição da subjetividade dessas mulheres, que se formam em meio à escassez de afeto, da negação do cuidado e à violência simbólica e física.

Tendo em vista os fatos históricos e sociais enfrentados por mulheres negras ao longo da história do Brasil, sugere-se nesse estudo uma pesquisa que sacie os seguintes questionamentos: como a dor e a solidão da mulher negra são representadas na literatura? A escrita de mulheres negras, como a de Conceição Evaristo, sobre dor, solidão e subjetividade pode ser vista como um elemento de representatividade e identidade para outras mulheres negras? A mulher negra é vista somente como figura resistência?

Quanto a metodologia abordada, fez-se uma pesquisa de cunho bibliográfico por meio de livros, revistas, artigos e periódicos de autores como Boris (2007), Cruz (2024), Del Priori (2020), Novelino (1998), Santana (2020), Sartre (2015), entre outros escritores fundamentais para a realização deste trabalho. Além disso, fez-se uma abordagem qualitativa acerca da temática analisada, tendo como base contos essenciais para compreensão da subjetividade feminina relatada nas obra "Olhos d'água" de Conceição Evaristo, em contos como "Quantos filhos Natalina teve?", "Maria" e "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos".

Para melhor discussão sobre o tema, o presente trabalho será dividido em três subcapítulos: A primeira seção aborda a escrita de mulheres negras no Brasil como resistência e identidade, a segunda seção abordará um pouco da vida da escritora Conceição Evaristo e a sua escrevivência e por fim, na terceira e última seção será abordada a dor, solidão e subjetividade feminina na crítica literária contemporânea ao ter como base a obra literária Olhos d'água de Conceição Evaristo para a realização desta análise.

Com isso, este trabalho contribuiu para a reflexão sobre os efeitos dessas experiências na construção de uma identidade marcada pelo sofrimento, como também por gestos de resistência cotidiana. A dor, nesse sentido, não é apenas um estado passivo, mas uma resposta ao mundo que as cerca; e a solidão, que muitas vezes imposta, pode também ser um espaço de reencontro consigo mesma.

A temática é de extrema relevância já que na sociedade brasileira a mulher negra infelizmente ainda enfrenta o maior percentual de trabalho informal, escolaridade incompleta, violência e a dificuldade de se inserir no mercado de trabalho também é maior. Apesar de todas as leis que já existem as amparando essa é a realidade e desconstruí-la ainda tem sido um processo difícil. A seguir, inicia-se a fundamentação teórica.

2 LITERATURA NEGRA, REPRESENTAÇÃO E SUBJETIVIDADE

2.1 A escrita de mulheres negras no Brasil: resistência e identidade

“No Brasil, a formação da sociedade teve como base valores patriarcais intrínsecos do sistema escravocrata, que ditaram – ditam – estruturas subalternizantes e invisibilizadoras.”. (Oliveira; Reis, 2020, p. 199). A herança da escravidão, da visão de ser invisível, de não merecimento de uma vida digna independente de cor ou raça, do racismo estrutural fincou raízes por muito tempo na sociedade brasileira. Evaristo (2009) descreve que o corpo negro por muitos séculos teve sua integridade violada, e seu espaço individual e coletivo suspenso pelo sistema da escravidão, e frente a essa realidade coube aos brasileiros e descendentes africanos buscarem formas de resistir.

Por volta do século XIX, o negro não tem presença na literatura e quando aparece nela, é descrito como um ser escravizado, sem voz (Cruz, 2020).

“Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil.” (Evaristo, 2009, p. 18). Buscava-se naquela época formas de resistir a esse sistema que violava a dignidade humana e essa busca criou raízes na cultura, na religião, na gastronomia e na literatura do país.

Tratando-se da conquista de espaço da mulher negra na sociedade, pode-se dizer que desde que o mundo é mundo, o século XXI tem sido o melhor século que já houve na história para que mulheres negras pudessem viver e experienciar a vida, claro que ainda com a necessidade de muitas mudanças na sociedade, mudanças em atitudes e pensamentos. O Brasil tem uma dívida inegável com as mulheres negras do país, que por muito tempo viveram períodos sombrios de silenciamento e exclusão da sociedade. Um verdadeiro apagão da mulher negra na história.

No regime escravocrata, a mulher negra não era vista como esposa, mãe e dona-de-casa por seu proprietário, mas só quando era conveniente explorá-las e puni-las de forma cabíveis restritamente às mulheres, elas eram colocadas apenas na condição de fêmea, já que eram vistas como força de trabalho necessária à produção agrícola e à reprodução da mão-de-obra escrava (Oliveira; Reis, 2020, p. 202).

É injusto falar sobre os avanços das mulheres na sociedade, quando é nítida a separação e desigualdade enfrentada por mulheres brancas e negras ao longo da

história. Enquanto a mulher branca era vista nos melhores bailes e eventos da corte, a mulher negra estava sempre em posição subalterna, sendo violentada e passando por situações desumanas para que a mulher branca usufruísse dos melhores serviços. Essa disparidade se deu em todos os aspectos, seja no crescimento profissional, familiar ou educacional.

Pode-se evidenciar essa disparidade pela diferença cronológica em que a primeira mulher branca e a primeira mulher negra realizaram publicações literárias. É uma temática pouco discutida mas que vem conquistando espaços em debates. A primeira mulher branca a publicar um livro foi Louise Labbé, no ano de 1555, enquanto a primeira mulher negra a fazer uma publicação foi Maria Firmina dos Reis, no ano de 1859. Uma diferença de 304 anos de uma para outra. Já existiam mulheres brancas e negras no mundo, mas havia um fator determinante para que fossem caladas e silenciadas – sua cor.

Para que vozes negras fossem lidas, ouvidas e refletidas em séculos passados, era preciso coragem para enfrentar um sistema pautado na discriminação e exclusão da mulher negra da sociedade. Oliveira e Reis (2020), citam que no século XIX, para burlar o sistema, mulheres que escreviam e queriam romper com esse padrão imposto na sociedade inseriam-se no mundo literário através de pseudônimos, viviam no anonimato e utilizavam nomes masculinos pois só assim poderiam ter um público que as lessem.

De acordo com Oliveira e Reis (2020), a conquista da escrita da mulher negra no âmbito literário permite que a história de afrodescendentes seja contada por sua ótica, do ponto de vista de quem sofreu e ainda sofre com exclusão social, racismo estrutural e sonegação de direitos.

Esse lugar de escrita que muito foi ensejado ao longo da história, não é apenas um lugar para discutir sobre questões raciais, mas para externar memória e experiências, ancestralidade africana, afetividade, relações familiares, resistência no dia a dia, espiritualidade e conflitos que ainda trazem à tona a ideia de práticas racistas, sexistas. A autora Jocelane Cruz (2020) diz que falar sobre literatura negra ou literatura afro-brasileira refere-se a uma literatura com o propósito de resgatar e conservar a ancestralidade africana bem como a representação do negro no Brasil, já que em um contexto não muito distante o negro não tinha voz.

Até pouco tempo não se ouvia falar sobre literatura negra, havia um atraso nos livros didáticos de história e literatura, livros que não retratavam os povos quilombolas

e sua resistência ao escravismo no território nacional. Com a Lei nº 10.639 de 2003, tornou-se obrigatório abordar história e cultura afro-brasileira no currículo do ensino básico. Uma lei recente e que poderia ter surgido antes para tentar moldar e formar cidadãos mais conscientes, respeitosos e humanos.

Na luta por esse espaço e reconhecimento, a literatura, cultura e a história andam lado a lado, em um processo que busca romper o silenciamento histórico e garantir a valorização cultural, identidade afro-brasileira e principalmente proporcionar o conhecimento dos educandos sobre a conquista feminina no espaço literário, conquistas de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, entre outras escritoras que deram e dão voz a realidades que foram silenciadas e marginalizadas.

2.2 Conceição Evaristo e a escrevivência

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte – MG, filha de dona Joana, cuja profissão era lavadeira e passadeira, filha de uma mulher que também teve uma história difícil e cheia de desafios. Viveu por muito tempo em uma favela e ainda menina aprendeu a realizar atividades domésticas e a cuidar de seus irmãos.

Aos sete anos de idade, a mãe de Conceição permitiu que a filha fosse morar com seus tios uma vez que as condições para criar oito filhos eram bem dificultosas. Mesmo a distância a mãe de Conceição sempre a apoiou e incentivou que buscasse estudos, vendo os estudos como uma forma de mudar a realidade da família.

Buscar somente os estudos parecia uma opção inviável para Conceição já que também deveria buscar formas de ganhar seu sustento. A contista não tinha outra saída a não ser trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Foi então que a escritora arrumou primeiro emprego como doméstica. A vontade de vencer pelo estudos era tão grande que ela trocava horas de trabalho nas casas de professores particulares por horas de estudo e cada dia mais se encantava pelo poder da escrita.

Aos 25 anos Conceição terminou o magistério. Quando formou-se, se mudou para o Rio de Janeiro, onde conseguiu trabalhar como docente após passar em um concurso.

Depois dessa conquista, Conceição viu as portas da educação abrindo-se diante dos seus olhos e continuou os estudos. Formou-se em Letras, em seguida tornou-se mestra em Literatura pela PUC-Rio e logo depois concluiu seu doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. No ano de 2018, a escritora concorreu a posição de primeira mulher negra a ingressar na Academia Brasileira de Letras mas infelizmente não conseguiu.

A escritora, contista e poetisa é autora de livros como Ponciá Vicêncio (2003), Becos da memória (2006), Poemas de recordação e outros movimentos (2008), Insubmissas lágrimas de mulheres (2011), Olhos d'água (2014), Histórias de leves enganos e parecenças (2016) e Canção para ninar menino grande (2018). Todas as obras supracitadas pertencem a literatura contemporânea, trazendo consigo protagonismo feminino, a realidade e valorização da cultura afro-brasileira, denúncias de discriminação racial e gênero, injustiças sociais e outras temáticas fazem parte da realidade do negro até os dias atuais.

A obra que tem por título Olhos d'água, objeto de estudo da presente pesquisa, foi publicada no ano de 2014 e eleita em terceiro lugar no Prêmio Jabuti de Literatura na categoria de Contos e Crônicas. É uma obra que reúne contos, composta por quinze contos ao total, que abordam a história de personagens negras silenciadas por questões sociais, econômicas e condições de trabalho humilhantes.

Segundo Santana (2020) a obra de Conceição é um retrato de resistência e enfrentamento de realidades passadas e presentes no cotidiano. Ocupar esse lugar de fala da mulher negra, que tem lutado bravamente por direitos iguais, por reparação história diante de tamanho silenciamento literário foi a oportunidade que Conceição viu para acolher sua própria experiência de vida e buscar através da escrita ser fonte de inspiração e motivação para outras mulheres.

As obras da escritora são permeadas por essas temáticas, e esse contágio se dá sob influência da sua própria história de vida, por suas raízes, pela vontade de mudar o mundo e fazer com que todos enxerguem como é a vista do outro lado, pela vontade de externar as dificuldades que a mulher negra enfrenta até os dias atuais, as dificuldades que ela enfrentou e muitas vezes teve que enfrentar em silêncio.

Tudo que Conceição vivenciou fez com que ela percebesse a escrita como refúgio, como uma forma de retratar os percalços da vida de uma mulher negra na sociedade, criando o termo “escrevivência”: junção das palavras “escrever” e “viver”.

A escrita e a vivência andando lado a lado, onde a subjetividade do autor se entrelaça com o que já viveu ou vive.

Cruz (2020, p. 30) diz que: “Esse recurso utilizado por Evaristo é o que consiste na escrita viva, apontando a cultura negra e sua relação com a narrativa existencial. Conceição Evaristo faz uso de sua escrita como forma de dar voz ao seu povo.”. A escrevivência é o meio pelo qual a escrita, como a autora descreve, retrata as aventuras e desventuras da mulher que a sociedade insiste em diminuir socialmente, a mulher negra.

O objetivo de sua literatura não é dar visibilidade a figura masculina, pelo contrário, é voltada para a descendência feminina negra. A autora relata em sua biografia que era moradora de favela e que não tinham boas condições financeiras, essa informação é suficiente para concluir que Conceição conheceu a realidade que mulheres negras enfrentavam.

Conceição Evaristo teve sua vida transformada através dos estudos e para ela a forma que encontrou para manifestar toda a sua angústia e decepção diante do que viveu foi através da sua escrevivência. Em sua escrita é nítida a preocupação que a escritora tem com a mulher negra e busca trazer essa pauta de forma conscientizadora e reivindicatória.

A subjetividade feminina presente em suas obras proporciona um reconhecimento ainda maior de suas obras, logo a exposição da subjetividade feminina negra de acordo com suas próprias vivências permite o reconhecimento de uma voz que representa outras vozes, falas que foram silenciadas, falas que não tiveram a oportunidade de serem representadas, e essa representação tem um papel fundamental para a reconstituição da memória e passado de mulheres negras (Farias; Silveira, 2019).

A autora, por intermédio de sua escrita, destaca a necessidade de relembrar a história da mulher negra, história essa que foi assolada por ideologias estereotipadas disseminadas pelos colonizadores, que tiveram o poder de calar a voz de mulheres por muito tempo, deixando marcas inclusive na literatura, já que há uma ausência significativa da escrita feminina negra ao longo da evolução de publicações literárias.

Duarte (2014) diz que Conceição Evaristo conseguiu dar voz aos excluídos por meio de sua literatura de resistência, abordando também temáticas como gênero, sexualidade, raça, nacionalidade e tanto outros aspectos culturais e sociais. E esse reconhecimento não é único, outra autora que reconhece o potencial de Conceição é

Cruz (2020, p. 30), ao dizer que diz que “Conceição Evaristo vem alcançando respeito no Brasil e também no cenário internacional.”

Conceição Evaristo encontrou na literatura, assim como outras escritoras negras como Maria Firmina dos Reis, o objetivo de atuar como porta-voz da subjetividade feminina, como forma de expressão, reparação e protesto a fim de dar visibilidade às vivências marginalizadas, proporcionando às suas leitoras a sensação de pertencimento, representação e valorização histórica, escancarando a realidade do passado e presente das mulheres negras.

2.3 Dor, solidão e subjetividade feminina na crítica literária contemporânea

Para que se compreenda melhor acerca de qualquer temática faz-se necessária uma abordagem de conceitos e suas respectivas características para uma análise profunda, com o termo subjetividade não seria diferente. Para o Dicionário Online Michaelis, subjetividade é descrita como algo intrínseco a um indivíduo, algo que não é acessível a outras pessoas, uma característica que tem relação com o próprio indivíduo.

Partindo desse conceito, entende-se que subjetividade é algo seu, algo que diz respeito somente ao sujeito, e que todo ser possui sua particularidade. Para Boris e Cesídio (2007), a subjetividade pode ser vista como a forma que um ser age e se comporta no mundo, levando em consideração suas vivências e interações com o meio cultural.

Jean-Paul Sartre (2015), considera a subjetividade como um aspecto inato e essencial ao ser humano, fazendo parte de um processo contínuo da construção da identidade do ser e da forma como se relaciona com o mundo e os demais indivíduos, sendo possível moldá-la. O autor ainda propõe a existência do termo intersubjetividade, confirmando que a subjetividade também possui relação com os outros, onde há uma relação de troca.

O termo subjetividade somando-se ao termo feminino, proporcionam o entendimento de uma subjetividade específica a um gênero da sociedade, um gênero que possui um conjunto de características em comum, como por exemplo, a capacidade feminina maternal, um ser destinado às atribuições do lar que deve ser sempre recatada, meiga, passando uma imagem de fragilidade (Novelino, 1998).

Castro e Melo (2020), consideram que a subjetividade feminina e masculina são construídas sob perspectivas diferentes uma vez que as vivências e as experiências de vida desde a infância de uma mulher e um homem são diferentes e incomparáveis, a própria estrutura anatômica revela a diferença entre ambos.

Sob esse viés, é viável ter um olhar voltado para a história, a cultura e os caminhos que a humanidade percorreu, em especial, as mulheres negras, para que se possa entender a construção da subjetividade feminina diante dos conflitos da vida em sociedade desde os tempos mais remotos.

Historicamente, o patriarcado está inserido na sociedade há bastante tempo. No Brasil, o patriarcado foi enraizado a partir da chegada dos portugueses para a colonização, estabelecendo que os homens seriam responsáveis pela proteção e alimentação da família enquanto as mulheres estariam destinadas aos deveres do lar e educação dos filhos (Del Priori, 2020).

Desse período em diante, a figura feminina estava fadada a submissão ao homem. Os homens restringiam suas atividades e os espaços em que deveriam frequentar, limitando o processo de construção da subjetividade dessas mulheres, sendo imposta pelos próprios homens. E para as mulheres negras, era ainda pior, visto que chegaram ao Brasil destinadas à escravização e além da função de servir, eram obrigadas a se prostituírem.

Após o declínio do sistema patriarcal e o início do processo de industrialização, as mulheres deram um passo à frente com sua inserção no mundo do trabalho. A partir de então, movimentos feministas começaram a ganhar força, permitindo que as mulheres abrissem os olhos perante as desigualdades entre homens e mulheres, e mesmo com as atribuições do lar as mulheres não deixaram-se abater diante da busca por igualdade (Cruz, 2014).

De acordo com Boris e Cesídio (2007), existem fatores que interferem na formação da subjetividade humana, e esses fatores são diversos, como por exemplo, o meio cultural, meio familiar, meio escolar, a sociedade, a língua, hábitos, valores, costumes e meios de comunicação. No caso das mulheres, conforme a sociedade avançava de forma econômica, social e política, a subjetividade feminina também passava por profundas transformações e desmistificações, mesmo que de forma demorada, as mudanças foram acontecendo, possibilitando às mulheres conquistas inimagináveis, derrubando o conceito de que mulher deve ser submissa. Infelizmente

ainda possuem traços desse pensamento na sociedade nos dias atuais, mas são traços que aos poucos se tornarão apenas lembranças.

Na contemporaneidade, a influência dos meios de comunicação é consideravelmente marcante para o processo de construção da subjetividade, o advento das redes sociais e demais recursos midiáticos estão proporcionando um novo processo de transição dessa construção, permitindo que a sociedade compreenda quem as mulheres podem ser.

3 ANÁLISE DA OBRA OLHOS D'ÁGUA

3.1 Contextualização da obra e principais temáticas

A obra Olhos d'água foi publicada no ano de 2014 por Conceição Evaristo, uma escritora renomada que tem sido porta-voz da literatura afro-brasileira. Escreveu a obra em um contexto social e literário marcado pelo fortalecimento de temáticas como raça e gênero, encaixando-se no movimento da literatura afro-brasileira contemporânea.

A obra é composta por contos, contém um total de quinze contos breves, mas com um potencial de emocionar e proporcionar profundas reflexões ao leitor a cada conto lido. São contos que possuem personagens diferentes, mas entre um conto e outro é possível perceber um certo padrão entre as personagens, pois os contos abordam assuntos como a identidade da mulher negra, resistência, ancestralidade, memória, condições da mulher negra, pobreza, exclusão e desigualdade social, afeto, maternidade, violência, e todas essas temáticas conectam-se ao longo dos contos.

A obra tem sido conhecida por seu valor literário e político-social visto que a autora retrata em sua narrativa realismo, resistência e denúncia social, ao mesmo tempo em que se percebe poesia, também se enxergam dor, sofrimento e resistência. A literatura é usada como uma forma de romper narrativas romantizadas da pobreza e resgatar identidade cultural.

É uma obra de fácil compreensão e que proporciona uma visão clara sobre a literatura brasileira do século atual e que escancara vozes que foram silenciadas e que agora buscam a cada dia conquistar seu espaço e direito de serem ouvidas e lidas. O reconhecimento da obra tem sido comprovado até mesmo através de listas de vestibulares indicando o livro como leitura obrigatória.

A capa do livro mostra um desenho de um olho e lágrimas na cor azul escorrendo no rosto. Em um primeiro momento analisando a capa é possível observar que há um simbolismo com a água da lágrima escorrendo pelo rosto. Quem chora, chora de felicidade, tristeza, angústia, dor, medo, entre outras emoções que fazem os olhos transbordarem. Pode ser que a lágrima da capa seja um pouquinho de cada. Depois da leitura, a interpretação vai muito além disso, é possível reconhecer que é um olhar feminino que externa indignação, sofrimento, tristeza e solidão.

Além disso, a capa também reflete a emoção do leitor ao concluir a leitura, uma emoção que transborda. E transborda porque é impossível não ficar se sensibilizar com uma leitura tão profunda. Quando uma mulher chora, todas choram juntas. Quando uma mulher sofre, todas sofrem também. E Conceição Evaristo consegue tirar lágrimas diante de contos que retratam o real.

Conceição Evaristo tem deixado sua marca na literatura afro-brasileira. A escritora nunca quis seguir tendências, seu objetivo desde a primeira obra publicada foi romper padrões estabelecidos pela sociedade, padrões que tinham o objetivo de encaixotar vozes negras e graças a coragem da escritora essa realidade tem sido diferente nos dias atuais.

3.2 Representações da dor e da solidão da mulher negra

A dor e a solidão da mulher negra têm raízes históricas, sociais e raciais advindas de padrões impostos pela sociedade e que por muito tempo ecoavam dentro de cada uma o sentimento de fragilidade, aprisionamento e vulnerabilidade tendo em vista vivências marcadas por falta de dignidade e condições básicas para sobreviver.

A psicologia explica que muitas das crenças carregadas por mulheres negras são formadas e internalizadas durante a infância e a ruptura dessas crenças tem melhorado significativamente a partir da literatura escrita por autores negros.

A escrita tem poder de cura, liberdade, denúncia e representatividade. Mas também é necessário olhar para a literatura como uma forma de celebração ou comemoração diante dos avanços sociais diante de temáticas que dizem respeito à mulher negra e sua vivência social. Escrever é reinventar-se, é transformar vidas, e a transformação da dor e solidão da mulher negra iniciou quando mulheres tiveram a garra e a coragem de enfrentar um sistema dominante.

A escrita consegue aprofundar as experiências vivenciadas e transformar o sofrimento em resistência. Escrever, para mulheres negras é dar voz ao silêncio, é eternizar memórias – sejam estas boas ou ruins, é uma estratégia de representatividade e empoderamento.

A autora Bell Hooks declarou em seu livro chamado Olhares negros: Raça e representação, publicado no ano de 2019, que a literatura afro-americana é vista como literatura de resistência, que vai muito além de produções narrativas confessionais pois são mulheres negras que lutam por sua autorrealização e para serem

reconhecidas e respeitadas precisam de textos guias, textos que reafirmam o companheirismo entre as mulheres negras.

Outro livro que comprova esse sentimento de guia, pertencimento e representação de dor e solidão da mulher negra chama-se *Olho no olho*, escrito por uma feminista negra estadunidense Audre Lorde. A obra apresenta estratégias para que as mulheres negras façam uso para estimular consideração e respeito.

A literatura tem o poder de representar a subjetividade, dor e solidão da mulher negra em seus escritos, e vai além de representar, torna-se influência de como agir e reagir, como pensar, como construir sua identidade e validar sua existência.

3.3 Subjetividade e resistência feminina nos contos selecionados

3.3.1 O conto “Maria”

O primeiro conto da presente análise tem por título “Maria”, o quarto conto do livro. Pelo título, é possível já compreender que há uma representatividade no nome, um nome popular, extremamente comum no Brasil, um conto que representa a vida de muitas Marias em busca da sobrevivência em uma sociedade marginalizada e que limita a liberdade feminina.

No conto, a personagem principal se chama Maria, uma mulher negra, cuja profissão é empregada doméstica, sem condições financeiras, que tem que pegar ônibus todos os dias para ir do trabalho para casa e vice-versa, apresentando um contexto social marcado pela pobreza, discriminação e preconceito. Inicia-se retratando o cansaço da rotina exaustiva da mulher, do quanto ainda seria exaustiva por ter que ir para casa cuidar de seus filhos e do quanto estava feliz por ter ganhado alimento e então sobraria um trocado para poder comprar outros produtos de sua necessidade.

Pode-se corroborar esse contexto social através de falas da narradora como “estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus” (Evaristo, 2016, p. 24), “levava para casa os restos” (Evaristo, 2016, p. 24), “a patroa ia jogar fora” (Evaristo, 2016, p. 24), “e as frutas que tinham enfeitado a mesa” (Evaristo, 2016, p. 24), “ganhara as frutas” (Evaristo, 2016, p. 24), “crianças nunca tinham comido melão” (Evaristo, 2016, p. 24), “uma gorjeta” (Evaristo, 2016, p. 24), “estava feliz, apesar do

cansaço” (Evaristo, 2016, p. 24). Todas essas citações são expressões que comprovam o dia a dia de Maria.

Maria, pouco tempo depois de entrar no ônibus que todos os dias frequentava, foi surpreendida primeiro por seu ex-companheiro de vida, pai de um dos seus filhos que entrou naquele mesmo ônibus e relatava a Maria a saudade que tinha. Esse acontecimento dá ênfase em um recurso estilístico característico dos contos, esse recurso é chamado de flashback. Como o próprio nome apresenta, é uma sequência de eventos ocorridos em tempos anteriores, recordações de um passado. E essa sequência no conto, se tratava da vida de Maria com o ex-companheiro, dos enjos, do nascimento do filho, da saudade da vida que tinham, como pode-se ver no trecho:

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida (Evaristo, 2016, p. 25).

Logo depois das falas com o ex-companheiro, das perguntas pelo filho, além da surpresa em vê-lo no ônibus, Maria foi surpreendida por um assalto dentro do ônibus, sendo ainda mais decepcionante para Maria ver que o pai de um de seus filhos estava envolvido no assalto. Os assaltantes, ao passarem por Maria, pouparam a sua vida e seus pertences, mas os passageiros não pouparam sua vida como é possível ver ao final do conto. Logo após o assalto, começaram os cochichos de que Maria ter sido poupada era sinônimo de seu envolvimento no assalto.

Maria não estava envolvida, era apenas uma mãe decepcionada com a vida que seu ex-companheiro havia escolhido, uma mãe que foi brutalmente assolada pelas injustiças da sociedade. Para Maria, seria mais um dia comum, estava indo para sua casa cansada e de repente foi mais uma vítima de violência contra mulher negra. Até a contemporaneidade, os índices de violência sempre estiveram no topo e tratando-se dos índices de violência entre a mulher branca e a mulher negra, a segunda sempre foi a que esteve no topo. A violência contra a mulher negra pode ter diminuído, mas ainda persiste, mesmo com a existência de todas as campanhas de conscientização nos dias atuais.

Os comentários dos demais passageiros que estavam no ônibus, levam o leitor perceber que as raízes da escravização e marginalização são extremamente associadas a pessoas negras. Falas como “Aquela puta, aquela negra safada [...]”, “Olha só a negra ainda é atrevida”, são exemplos do que muitas mulheres negras já ouviram e ainda ouvem, por causa de sua cor, por sua cor ter sido por muito tempo um símbolo de marginalização, evidenciando as raízes preconceituosas da sociedade.

O retrato de Maria no conto de Conceição Evaristo é uma forma de lembrar sobre a resistência da mulher negra diante da marginalização e das lutas por igualdade social e econômica. É um conto que permite a percepção das injustiças presentes na sociedade, injustiças que muitos já sofreram e ainda sofrem, fazendo uma crítica a sociedade contemporânea.

3.3.2 O conto “Quantos filhos Natalina teve?”

O conto “Quantos filhos Natalina teve?”, é o quinto conto dentro da coletânea de contos do livro, possui um total de oito páginas, trazendo em sua narrativa a característica da brevidade de um conto, apresentando um início, meio e fim a história narrada. O foco desta análise está voltado para a dor e a solidão de Natalina, a personagem principal, diante de uma realidade que foi assolada por uma sucessão de acontecimentos que ela não escolheu.

O conto começa com a narradora, contando sobre a quarta gravidez de Natalina e a partir daí são introduzidas recordações de gestações anteriores, consideradas por ela, gestações infelizes como pode ser percebido logo no início do conto quando a narradora relata: “As outras barrigas ela odiara.” (Evaristo, 2016, p.41).

A repetição de gestações apresentadas ao longo da narrativa são vistas como parte do ciclo de opressão e falta de autonomia feminina, uma temática recorrente na escrita da autora, que busca denunciar e extinguir a ideia de que corpo feminino negro é de dominação social e patriarcal.

Um aspecto linguístico que pode ser notado no referido conto é a utilização de verbos no tempo verbal pretérito perfeito do indicativo como “aguentava”, “vomitava”, “estava”, “soltava” e tanto outros citados no conto, proporcionam ao leitor o reconhecimento de uma relação entre o passado e memória vivenciada por Natalina, uma vivência marcada de dor e submissão.

A autora também fez uso de um recurso estilístico como se fossem flashbacks para contar a trajetória das gravidezes que Natalina já teve, e esse retorno ao passado revela os traumas que Natalina carrega consigo, memórias de dias ruins são mais difíceis de serem esquecidas e essas lembranças refletem no emocional fragilizado da personagem.

A primeira gestação de Natalina não foi planejada, mas foi com seu consentimento. Era ainda uma menina adolescente que completaria 14 anos de idade quando engravidou pela primeira vez. A mãe de Natalina não queria para a filha uma gestação com a idade que tinha e esse fato pode ser corroborado com a atitude da mãe de querer levar a filha a Sá Praxedes, uma mulher que ajudava outras mulheres em seus partos mas também que ajudava mulheres a abortarem. Natalina não queria filho, “Sabia porém que ela Natalina não queria” (Evaristo, 2016, p. 44). A mãe de Natalina preparava chás para que a menina abortasse, e os chás não deram certo. O único jeito seria levá-la até Sá Praxedes. E não era isso que ela queria. Natalina tinha medo e esse medo fez a menina fugir de casa. Natalina saiu de casa escondida, teve o bebê e deu para uma enfermeira.

A segunda gestação foi também não foi planejada. Natalina já estava mais esperta mas não teve jeito, “[...] uma semente vingou.” (Evaristo, 2016, p.46). Natalina não queria o filho, não queria formar uma família, não era isso que ela esperava para ela naquele momento e ela queria o poder de poder decidir isso sobre sua própria vida, mesmo tendo encontrado um homem disposta a honrá-la, cuidar dela e do filho que estava esperando.

Na segunda gestação, seu companheiro mostra a visão tradicional que esperase das mulheres, como se todas as mulheres estivessem destinadas a esses futuro, como se todas as mulheres só quisessem uma família, como se todos os desejos femininos fossem iguais. “Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho...” (Evaristo, 2016, p.46). Natalina teve o filho e seu companheiro o levou de volta a sua terra. Natalina estava livre outra vez.

A terceira gestação aconteceu de certa forma planejada. Natalina era paga para trabalhar em uma casa de família e logo foi contratada para engravidar de seu patrão já que a esposa de seu patrão não engravidava, era estéril. Natalina se “condoeu da mulher que almejava sentir o útero se abrir em movimento de flor-criança” (Evaristo,

2016, p. 48). Um dia criança nasceu, Natalina não tinha leite para amamentá-la e logo depois o casal esqueceu Natalina e tiveram olhos apenas para a criança.

A quarta e última gravidez de Natalina foi marcada por uma violência brutal: um estupro. Esse acontecimento na vida da personagem expressa o quanto o corpo feminino é violado e silenciado continuamente. Um reflexo passado e presente que desafia a sociedade é questionar-se quanto à eficácia e efetividade legislativa, quanto a violação dos direitos de muitas mulheres que não tiveram a escolha de decidir o que fazer com seu próprio corpo, de não ter autonomia de seus atos apenas por ser mulher.

Natalina estava em seu barraco quando homens invadiram e a dominaram. Vendaram-na, amarraram suas mãos, a colocaram dentro de um carro, e após um período na estrada, um homem desceu do carro, desamarrou suas mãos e a obrigou a fazer certos carinhos nele. “Ela tremia” (Evaristo, 2016, p. 50).

Após o estupro, Natalina ao tentar se recompor encontrou uma arma e não pensou duas vezes, foi certa e em sua defesa. Natalina fugiu e como diz no conto, guardou tudo para si. Pouco tempo depois Natalina descobriu a quarta gravidez, a gravidez de um homem qualquer, e estava ansiosa por esse filho “um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte” (Evaristo, 2016, p. 50).

Na narrativa, Natalina vivenciou um gravidez na adolescência não planejada, uma gravidez associada à exigência de viver a vida conjugal contra sua vontade, uma gravidez por substituição conhecida também por barriga de aluguel e por último, uma gravidez advinda de um estupro. Essas quatro experiências gestacionais configuram uma sucessão de violências que aconteceram por Natalina ser mulher, por ser de classe social baixa, por não possuir poder aquisitivo, e por falta de autonomia corporal. A maternidade para Natalina não é um destino natural, não foi o que ela sempre idealizou para si, é sinônimo de imposição e punição social.

É possível observar que o conto “Maria” e o conto “Quantos filhos Natalina teve?” possuem aspectos em comum: a presença da violência contra a mulher, a presença de condições decadentes, desigualdade social e econômica, os deveres e obrigações da maternidade.

A jornada complexa que Natalina passou ao longo de todas as suas gravidezes, tem o poder de desconstruir a romantização de uma gravidez a partir do momento que a contista mostra que todas as gravidezes de Natalina foram marcadas por violência e ausência de direito de escolha. A imagem de mãe perfeita e pura, é desconstruída

pela personagem principal, rompendo assim com o que a sociedade espera (Campello, 2016).

Evaristo traz a maternidade sob uma nossa perspectiva, ressignificando a maternidade, desconstruindo a ideia de maternidade como uma realização de toda mulher. A capacidade de dar voz para mães que sofrem e sobrevivem diante de acontecimentos trágicos por meio da escrita tem o potencial de transformar uma dor individual em uma dor coletiva, transforma dor em denúncia. Denúncia esta que atravessa espaços temporais de entre passado e o presente.

3.3.3 O conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”

O conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, o nono conto do livro, possui um total de seis páginas narrando a história de Zaíta, uma menina que vivia às margens de uma vida vulnerável. A história de Zaíta começa com uma preocupação comum a todas as crianças em seus momentos de brincadeira, a preocupação de ter perdido algo que tanto tinha carinho e no caso de Zaíta o que ela havia perdido era a figurinha-flor.

A figurinha-flor perdida pela menina, aparentemente um objeto sem muita importância consegue assumir na narrativa um valor simbólico de pureza e delicadeza, características que uma criança carrega e que ao serem vítimas de violência são interrompidas. A fragilidade de uma vida sendo representada por uma figurinha.

A procura pela figurinha-flor fez com que a menina tivesse um turbilhão de pensamentos e sentimentos, pensamentos como o de não contar para a mãe que havia perdido e gerar uma confusão junto com o medo de apanhar da mãe. Esses motivos fizeram a menina não contar que estava à procura da figurinha e ter a independência de tentar encontrá-la sem perturbar ninguém e sem ser violentada.

Vinda de uma família que não segue o modelo tradicional de família exigido pela sociedade. A mãe de Zaíta é solteira e possui quatro filhos, duas meninas e dois meninos. As duas meninas ao longo do conto são nomeadas como Zaíta e Naíta e os dois meninos são o primeiro e o segundo. Para a mãe, o primeiro é motivo de orgulho e quanto ao segundo é motivo de preocupação e angústia uma vez que o primeiro segue carreira no exército e o segundo segue carreira no mundo do crime dentro da favela.

Na segunda página do conto, a narradora descreve os brinquedos de Zaíta como “Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados.” (Evaristo, 2016, p. 72). Em outro trecho, há a descrição de uma boneca que falta um braço e que mesmo assim achavam a boneca bonita. Essas descrições relatam a vida escassa de recursos financeiros e como é descrito no conto que moram em uma favela entende-se que a vida não é nada fácil.

Logo após a descrição dos brinquedos, Zaíta apresenta uma lembrança que não é comum que uma criança carregue e que proporciona ao leitor o reconhecimento do lugar que a criança vive em um ambiente hostil, repleto de violência. O flashback relata a cena de quando a garotinha encontrou um de seus irmãos com uma arma, descrito no conto como o segundo irmão. Esse irmão buscava ajudar a família do jeito dele, do jeito que ele considerava mais fácil, mas a mãe rejeitava a ajuda pois não considerava honesta.

Depois de lembrar desse acontecido, Zaíta fez algo desobedecendo sua mãe. A mãe dava a ordem as filhas para que após seus momentos de brincadeiras que guardassem os brinquedos. E Zaíta tão impressionada com o sumiço da figurinha-flor começou a sua busca, e essa busca a levou para longe de casa, e a menina com toda a sua inocência não sabia os perigos que corria, só queria a figurinha-flor.

E então Zaíta entrou no meio de um tiroteio. Um tiroteio que ceifou a busca pela figurinha-flor. O cenário que a princípio parecia apenas uma brincadeira, uma busca por um brinquedo perdido se transformou em uma destruição, destruição de uma vida, arrancada como se arranca uma flor. Foi alvejada e morta no tiroteio. Uma menina, e que assim como todas as outras mulheres descritas nos contos anteriores analisados, também foi vítima de uma violência. Quando sua irmã gêmea Naíta a encontrou, sem saber o que acontecia e em meio a ingenuidade e inocência da menina temendo pela desobediência de não guardar os brinquedos pois traria consequências para as duas, ela disse: “Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!”. (Evaristo, 2016, p. 76).

O conto de Zaíta, em meio a tantos outros contos de Conceição Evaristo uma visão para a vida das favelas, a vida das minorias, a vida de crianças vítimas de balas perdidas. É uma ficção quase imperceptível em meio a realidade. “[...] A autora problematiza, por meio de sua escrita, histórias baseadas na vida real, intentando destacar essa realidade que por meio da ficção é arrancada do silenciamento, dando voz para essas pessoas.” (Moraes; Souza; 2019, p. 10).

A dor e a solidão apresentam-se de forma figurada na obra quando: faz-se uso da figurinha-flor perdida em comparação a vida perdida de Zaíta; a solidão é percebida no silêncio e o medo da menina para não incomodar ou causar problemas; os brinquedos quebrados mostrando as condições precárias; o flashback do irmão com a arma como figuração do destino trágico que rondava a família e na fala da irmã, uma metáfora mostrando a incompreensão da criança diante de tamanha violência. Todos os elementos do conto desempenham um papel representativo e denunciam não só a realidade da menina, mas também realidades que existem em tempos atuais.

O conto revela sobre a subjetividade feminina negra aspectos como: infâncias roubadas tendo que assumirem responsabilidades de adultos, responsabilidades que não condizem com sua idade; solidão afetiva por não poder errar, não poder incomodar, vivendo assim sem apoio emocional; violência presente dentro e fora de casa como elemento que molda a identidade da criança; e a dualidade entre inocência e brutalidade, o contraste entre o desejo de apenas ser crianças e a impossibilidade de viver essa infância sonhada.

Conceição Evaristo tem a intenção de denunciar através da personagem infantil do conto a realidade de infâncias periféricas, de infâncias que tem sua inocência desconstruída da pior forma. A morte de Zaíta no conto é exemplo de muitos casos que já aconteceram e ainda acontecem nas favelas, exemplo de vidas interrompidas, de crianças pobres e negras que são apenas mais um caso que passa em noticiários e o poder público não interfere.

O sofrimento descrito nos contos de Conceição Evaristo vão além do que qualquer leitor pode esperar. Sua escrita mostra a recusa do silêncio imposto às minorias, mostra memória, resistência e abre os olhos do leitor através da ficção para as vivências de mulheres negras vítimas de uma sociedade opressora e patriarcal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das informações apresentadas, conclui-se que a literatura negra tem conseguido avançar e conquistar espaços jamais imaginados, espaços antes negados e inviabilizados. Ler obras escritas por autoras negras, é como um convite para expandir o olhar para narrativas marcadas por denúncias, cobranças, alertas para melhorias e busca por respeito, justiça e igualdade.

Ao longo do tempo a literatura tem sido utilizada para falar de contextos políticos, econômicos, culturais e sociais possibilitando que vozes silenciadas sejam ouvidas para propor debates que transformem opiniões, ideias e atitudes da sociedade, e isso Evaristo Conceição conseguiu fazer, ao retratar contos que mostram a dor, subjetividade e a solidão da mulher negra.

A análise da obra *Olhos d'água* evidencia com excelência como a autora dá vida e voz a muitas Marias, Natalinas e Zaítas, mostrando cultura, sabedoria, maternidade, dor, resistência e lutas, desconstruindo a visão estereotipada e inadequada sobre o corpo negro. É um corpo que sente, um corpo que resiste há muito tempo a uma sociedade marcada pelo racismo, preconceito e patriarcado.

Além disso, o estudo contribuiu para um novo olhar acerca da literatura, o sentido das palavras e expressões empregadas de forma intencional para o que o leitor interprete e desperte a curiosidade para compreender os significados, o que está nas entrelinhas do texto e qual a mensagem este texto deseja passar. E esse despertar é que nos motiva, no caso do livro *Olhos d'água* a análise da dor e solidão da mulher negra.

Conceição Evaristo faz de sua voz a voz de muitas mulheres, parte do individual para o coletivo, mostrando na prática o termo *escrevivência* propondo debates sobre sociedade, gênero, etnia, desigualdades. Assim, *Olhos d'água* é um retrato contundente da existência de realidades duras e cruéis, ecoando o que afirma Santana (2020), "Conceição Evaristo desafia o cânone literário brasileiro e mostra que ele precisa ser expandido para que todos os "Brasis" sejam vistos e ouvidos."

Durante a pesquisa foi possível alcançar os objetivos esperados que visavam identificar os elementos que representavam a dor e a solidão da mulher negra na obra, bem como investigar as abordagens acerca da subjetividade feminina e resistência presente nos contos de Conceição Evaristo.

Diante disso, é válido ressaltar que a análise realizada não esgota a complexidade da temática abordada. Assim, futuras pesquisas podem aprofundar a investigação sobre as representações da dor, da solidão e da subjetividade feminina negra em outros contos e autoras, abrangendo novas abordagens teóricas, especialmente sobre os estudos feministas negros, permitindo compreender como diferentes narrativas constroem experiências de infância, violência, afeto e resistência, contribuindo para o avanço das discussões sobre literatura, raça e gênero.

REFERÊNCIAS

- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Malestar e Subjetividade**. Fortaleza, v.7, n.2, p.451-478, 2007.
- CASTRO; MELO. **Um estudo sobre crenças**: as personagens de animação infantil e a composição do estereótipo feminino. Ponta Grossa: Atena, 2020.
- CRUZ, Jocelane Fernanda. A interseccionalidade nos contos de *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo – **Três Corações**: Universidade Vale do Rio Verde, 2020. 96 fls.
- CRUZ, Silvânia Maria da Silva Amorim. Conceição Evaristo: o que a História esconde, as palavras ditas libertam. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, nº 45, 10 de dezembro de 2024.
- DEL PRIORI, Mary. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história das mulheres no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Planeta, 2020.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e Afrodescendência no Brasil**: antologia crítica, consolidação. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 207-217 (Vol. 2).
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EVARISTO, Conceição; et al. .Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: Maria Nazareth Soares Fonseca; Terezinha Taborda Moreira. (Org.). **Literatura Scripta** - Vol. 13 - no. 25. 1ed.Belo Horizonte: Editora Pucminas, v. 1, p. 17-31, 2009.
- FARIAS, A. A. N.; SILVEIRA, L. G. S. O. O espaço que somos: as relações entre a favela e a construção da subjetividade em becos da memória, de Conceição Evaristo. **Anuário de Literatura**, v. 24, p. 160-172, 2019.
- HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- MORAES, C. L. G. ; SOUZA, Fernanda Ferreira . Desigualdade social e violência na literatura negra brasileira: uma análise da infância perdida em contos de Conceição Evaristo. KWANISSA 2013 **Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros** , v. 2, p. 99-114, 2019.
- NOVELINO, Aida. Feminilidade: um perfil cultural. **Tópicos Educacionais**, [S.l.], v. 16, n. 1-3, p. 19-31, 1998.
- SANTANA, Jéssica Stefanny Gonçalo. **A representação da mulher negra em contos do livro Olhos d'Água, de Conceição Evaristo**. Orientadora: Dr.^a Renata Pimentel Teixeira. 2020. 10 f. TCC (Graduação) – Curso de Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Pernambuco, 2020.

SARTRE, Jean-Paul, 1905-1980. **O que é a subjetividade?** / Jean-Paul Sartre;
[tradução Estela dos Santos Abreu]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.